

VOZES DA COMUNIDADE: DESVELANDO QUALIDADE NA ESCOLA PÚBLICA

Rodrigo Capparelli Fonsêca (FE-UNICAMP) cappare@yahoo.com

Aline Duarte Frederico Mendes (FE-UNICAMP)

aline.mendes@educa.campinas.sp.gov.br

Profa. Dra. Mara Regina Lemes De Sordi (FE-UNICAMP) maradesordi14@gmail.com

Introdução

Este trabalho integra uma pesquisa colaborativa que busca desenvolver um referencial para a (auto)avaliação da qualidade educacional em escolas públicas municipais, defendendo uma qualidade socialmente relevante, localmente pertinente e comprometida com a emancipação dos sujeitos. Contrapõe-se às políticas meritocráticas hegemônicas, que reduzem a qualidade aos critérios de produtividade e desempenho, reforçando hierarquias baseadas no mérito individual (FREITAS, 2012).

A pesquisa “A construção de referentes avaliativos para o trabalho pedagógico em escolas comprometidas com a qualidade social” é financiada pela FAPESP e inclui, entre as escolas, a EMEF/EJA Prof^a Sylvia Simões Magro (SSM).

Buscamos, a partir das vozes dos sujeitos da SSM, revelar indícios de possíveis consensos sobre o que constitui qualidade educacional para aquela comunidade. Em nossa pesquisa, identificamos um conjunto complexo de potências e desafios na construção de uma qualidade socialmente referenciada (QS), utilizando entrevistas estruturadas e questionários. Os dados foram organizados e interpretados conforme a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011).

Desenvolvimento

Este trabalho foca uma **ação** que buscou compreender como a comunidade escolar interpreta a qualidade educacional. Bertagna et al. (2020) destacam que a aliança entre escola e comunidade, orientada pelo compromisso social, é fundamental para superar desigualdades. Em sintonia, investigamos os aspectos que sustentam essa aliança e sua contribuição para a construção da QS na educação.

A **ação** envolveu estudantes do 4º ano como repórteres mirins, que realizaram entrevistas filmadas com alunas/os, famílias, funcionárias e educadoras durante um dia

de reuniões entre famílias e educadoras (RFE). A pesquisa, aprovada pelo CEP, contou com o consentimento livre das participantes.

Coordenado pela professora da turma, também integrante do grupo de pesquisa, o trabalho incluiu a elaboração do questionário com os estudantes, como preparação, visando debater a qualidade educacional. A intencionalidade era provocar uma reflexão crítica desde o início sobre o que constitui uma escola de qualidade, estimulando um diálogo construtivo.

No dia, as/os estudantes circularam pela escola convidando as/os entrevistadas/os a responder a quatro perguntas:

1. O que é uma escola de qualidade?
2. De 0 a 10, como você avalia a qualidade desta escola?
3. Qual a maior qualidade da nossa escola?
4. Qual a maior fragilidade/dificuldade da nossa escola?



Vídeo

Metodologicamente, o vídeo vai além da coleta de dados, promovendo uma cultura de participação, diálogo e reflexão coletiva, com destaque para o protagonismo estudantil e o envolvimento dos sujeitos da escola. As respostas revelaram elogios ao acolhimento e à participação da comunidade, mas também críticas à infraestrutura e às relações conflituosas entre as/os alunas/os.

Durante as entrevistas, algumas entrevistadas demonstraram desconforto ao responder às perguntas sobre qualidade educacional. Essa dificuldade pode estar ligada ao formato tradicional das RFE (e de outros *temposespaços* coletivos), que prioriza a transmissão de informações em vez de promover diálogos significativos. Ao serem questionadas, alunas/os, familiares e funcionárias/os - geralmente excluídas/os dos fóruns de decisão - podem ter se surpreendido com o convite para dialogar e com perguntas como: *O que significa, para mim, uma escola de qualidade?* Essa situação pode revelar a falta de espaços qualificados de diálogo, comprometendo o reconhecimento da natureza pública e popular da escola estatal e distanciando a comunidade da participação dos processos/espços decisórios. Para Paro (2017), essa participação é condição *sine qua non* para a democratização da gestão escolar e a construção de uma escola alinhada com os interesses populares (p. 18).

Achados/organizados

As respostas e reações dos entrevistados foram categorizadas e sintetizadas, e abaixo algumas são apresentadas:

Escola de qualidade: percepções

- i. *“uma escola de qualidade é uma escola que tem o **apoio da comunidade**, uma gestão que apoia os professores, os professores escutam os alunos, os alunos escutam os professores”.*
- ii. *“a maior qualidade é o **acolhimento**”, enfatizando que a escola deve “cuidar bem dos alunos”. Uma entrevistada explicou que: “Eu, como mãe, eu quero uma escola que acolha bem a minha filha”.*
- iii. *“uma escola de qualidade é aquela onde os alunos aprendem e se dedicam”*
- iv. *“é o **atendimento dos professores**”.*

Fragilidades e dificuldades identificadas

- i. *“Eu penso que [a maior fragilidade da escola] é **a infraestrutura**, né? Essa escola poderia ter outros espaços para atender as necessidades de vocês. Por exemplo, quando chove, a nossa escola está precisando de reforma, não é? Um parquinho também... Um parquinho que precisa de melhorias, então, a infraestrutura, a estrutura da escola [é nossa maior fragilidade]”.*
- ii. *“Nós temos muito conflitos entre os alunos, né? Que a gente tem tentado resolver. Já melhorou bastante, mas ainda existe”.*

As entrevistadas destacam que, para a comunidade escolar, a qualidade educacional vai além dos conhecimentos acadêmicos, envolvendo um ambiente seguro, acolhedor e colaborativo, com ênfase no diálogo família-escola. Fragilidades como infraestrutura precária e conflitos entre alunas/os impactam a experiência educacional, reforçando a necessidade do engajamento coletivo.

Organizados/produzidos

A atividade teve como intencionalidade pedagógica promover uma reflexão coletiva entre os sujeitos da escola sobre a qualidade educacional e os desafios que se impõem. Ao colocar as crianças no centro do processo de forma criativa, a professora não

apenas incentivou sua participação ativa, mas também fomentou um diálogo profundo e significativo, humanizando métodos de avaliação que, muitas vezes, geram desconforto ou dissimulação. A realização das entrevistas, guiada por uma intenção pedagógica clara, buscou envolver os estudantes na reflexão sobre o que deve ter uma escola de qualidade e quais ações são necessárias para alcançá-la. Essa abordagem crítica e formativa reforçou o papel das/os alunas/os como protagonistas na construção de sua própria experiência educativa/formativa.

A professora demonstrou clareza e criatividade ao envolver os estudantes em uma atividade que deu voz à comunidade, transformando a escola em um espaço formativo ampliado. Crianças, professoras/es, familiares e outros sujeitos da escola contribuíram para a compreensão de uma concepção de qualidade que vai além das avaliações de larga escala. Durante as entrevistas, os participantes mostraram-se abertos e reflexivos, embora, em alguns momentos, inseguros ao se posicionar. Mais do que coletar dados, a atividade buscou provocar uma reflexão crítica, legitimando questionamentos como: *Essa é uma escola de qualidade? O que fazemos bem? O que precisa melhorar?* Essas perguntas colocam a escola, como instituição pública, sob o escrutínio e a responsabilidade da comunidade, maiores interessados na produção de qualidade educacional.

A análise das respostas mostrou que famílias, professoras/es e alunas/os da SSM veem a qualidade educacional como um conjunto de aspectos interligados, os quais vão além dos conteúdos acadêmicos. Acolhimento, ambiente seguro, gestão participativa e o fortalecimento das relações entre escola, estudantes e famílias foram destacados como fundamentais. A interação com a comunidade foi apontada como um fator crucial, reforçando a importância de um corpo docente comprometido, que escuta e apoia alunas/os e famílias. Essa visão ressalta a necessidade de uma gestão colaborativa e de um ambiente escolar que prioriza o diálogo e o trabalho coletivo.

Na Reunião Pedagógica de Avaliação Institucional (03/02/25), apresentamos a pesquisa à equipe docente, que analisou o trabalho desenvolvido e a percepção da comunidade sobre a qualidade da escola. Um professor ressaltou a importância de devolver os resultados à comunidade e promover um debate sobre os desafios existentes, reforçando que a formação política nos leva à compreender, de forma prática/ativa, que a construção da qualidade educacional é responsabilidade de todas/os, e não apenas de grupos isolados. Essa visão, alinhada ao pensamento de Paro (2017), entende a produção de qualidade como um movimento cotidiano que exige compromisso coletivo entre diferentes dimensões responsáveis: legisladores, Secretaria de Educação, gestão escolar, professoras/es, famílias e estudantes.

Entendemos que a construção de uma educação de qualidade socialmente referenciada é um processo dinâmico que exige empenho contínuo, diálogo aberto e comprometimento coletivo. A pesquisa em andamento amplifica as vozes dos sujeitos da escola, incorporando experiências e aprendizagens diversas, e afinando práticas formativas aos desafios e às utopias políticas e sociais. Ao romper com os limites tradicionais da sala de aula, a escola se transforma em um espaço amplo e inclusivo de formação. É nesse movimento, constante e intencional, que se luta e se constrói a escola que desejamos.

Referências

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERTAGNA, RH; SORDI, MRL; ALMEIDA, LC; LARA, RSB. Avaliação da qualidade social da escola pública: delineamentos de uma proposta referenciada na formação humana. *Políticas Educativas*, Paraná, v. 13, n. 2, p. 63-86, 2020.

FREITAS, LC. Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação. *Educ. Soc*, Campinas, v. 33, n. 119, p. 379-404, 2012.

PARO, VH. *Gestão democrática da escola pública*. São Paulo: Cortez, 2017.